

# A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO<sup>1</sup>

Cristiano Amaral Garboggini DI GIORGI<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste texto, critico a idéia de que a responsabilidade social do pesquisador em educação possa ser compreendida através do binômio "competência técnica mais compromisso políticos". Analiso esta responsabilidade, examinando seus diversos aspectos, para sugerir uma outra perspectiva de síntese.

**PALAVRAS-CHAVE:** Responsabilidade Social; Pesquisa em Educação; Democratização da Educação; Compromisso Político; Competência Técnica

**ABSTRACT:** In this text, I criticize the idea that the social responsibility of the researcher on education can be understood thru the binomium "technical competence plus political commitment". I analyse this responsibility by examining its multiple aspects to suggest another view of synthesis

**KEY-WORDS:** Social Responsibility; Reserach in Education; Democratization of Education; Technical Political Commitment Competence

Começarei por apresentar os termos em que esta discussão tem sido posta mais freqüentemente, termos estes que considero pobres, e a justificar porque os considero pobres. Em seguida, farei um apanhado comentado de diversos temas, problemas e aspectos (que apresentarei sem hierarquização) envolvidos na questão, para, ao final, tentar apresentar uma linha de síntese que abarca, no meu entender, de forma mais adequada, a essência do problema.

Essa discussão tem sido apresentada, no campo educacional, principalmente através do binômio: competência técnica e compromisso político. Este binômio, que tem sido mais usado para pensar a prática do professor – e aqui a referência mais conhecida é o livro de Guiomar Namó de Mello (1983) – tem marcado de tal forma o imaginário da área educacional que tem sido também a referência central para se pensar a

responsabilidade social do pesquisador em educação. Assim, o que asseguraria a mencionada responsabilidade social seria a somatória de dois ingredientes: a boa formação técnico/científica nos fundamentos e na metodologia de pesquisa e um vago "compromisso político" (que ora identifica um radical compromisso com "a revolução", ora uma (in)certa idéia humanista, passando por todos os matizes intermediários).

Tal somatória não dá conta de diversos aspectos do problema em tela, mas mais particularmente de um, que é o componente ideológico da ciência. Podem-se tomar diversos exemplos deste componente, presente em todas as ciências, mais agudamente nas ciências humanas, mas talvez mais do que em todas nos estudos educacionais, devido ao fato destes buscarem ter, além de um caráter explicativo, um caráter normativo.

<sup>1</sup> Prova Escrita referente ao Concurso de Livre-Docência na disciplina Pesquisa em Educação realizado em maio de 2001 na Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 – Presidente Prudente – Estado de São Paulo – Brasil.

<sup>2</sup> Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 - Presidente Prudente – Estado de São Paulo – Brasil.

O texto da literatura educacional brasileira que, a meu ver, melhor evidencia, de forma crítica, este caráter ideológico dos estudos educacionais é a tese de livre-docência de Maria Helena Souza Patto, "A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia" (Patto, 1990).

Maria Helena Souza Patto mostra como o preconceito contra a criança pobre (presente de forma mais clara na teoria da carência cultural e de forma mais sutil na teoria das diferenças culturais) permeia praticamente toda a literatura produzida no Brasil a respeito do fracasso escolar, inclusive a pesquisa – à época – mais recente.

Não é possível aqui aprofundar este ponto, cabe apenas ressaltar que "ser competente tecnicamente" pode, portanto, significar coisas muito diferentes.

(É preciso aqui rebater uma possível objeção: "isto já seria do âmbito do compromisso político". Não é verdade: no modelo do "binômio", o compromisso político estaria na escolha dos temas, na forma de aplicação do conhecimento obtido, etc., não no âmbito interno da própria pesquisa).

Ao lado, portanto, do caráter vago do "compromisso político" (que, além de tudo, tem servido a muitas formas de oportunismo), o problema do componente ideológico da competência técnica evidencia que este binômio "competência técnica mais compromisso político" é uma forma pouco fecunda de pensar a questão da responsabilidade social do pesquisador em educação.

Passo a listar, numerando-os, e a comentar brevemente, alguns temas, aspectos e problemas da questão da responsabilidade social da pesquisa em educação, para, ao final, sugerir uma perspectiva sintética que me parece mais adequada para pensar a questão.

1) Ética na pesquisa – toda a pesquisa em educação, é "por supuesto", uma pesquisa com seres humanos (exceção feita à filosofia da educação e à chamada "pesquisa teórica"), e todas as pesquisas com seres humanos envolvem problemas éticos internos à própria pesquisa. Esta é uma das dimensões da responsabilidade social do pesquisador.

Em geral, na pesquisa em educação, o principal problema envolvido é o processo de devolução aos sujeitos do conhecimento que foi produzido a partir deles.

Este é mais um dos temas relacionados à questão da responsabilidade social do qual o binômio "competência técnica mais compromissos políticos" dá conta muito mal.

2) A luta por condições institucionais para a pesquisa – faz parte da responsabilidade social do pesquisador em educação lutar por condições institucionais para a pesquisa mais

adequadas à produção de um conhecimento relevante socialmente. Torna-se claro que o atual modelo de pós-graduação tem levado a uma enorme atomização e fragmentação da pesquisa, em que o acúmulo de conhecimento é muito pequeno.

A busca de formas mais coletivas de pesquisa é uma necessidade colocada para a área. Não é à-toa que nenhum grupo de pesquisa em educação esteve sequer perto de se qualificar para ser um dos "Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão" da FAPESP.

Após uma fase de entusiasmo pela chamada 4ª fase (a da pós-graduação), já há quem questione se as 3 primeiras mencionadas por Aparecida Joly Gouveia (1971;1976) (a 1ª de 38-55, centrada nos estudos psico-pedagógicos; a 2ª de 56, data de criação do CBPE e dos CRPEs, até 64, marcado por estudos de caráter sociológico; a 3ª de 64 – meados da década de 70, marcado por estudos econômicos) não tem elementos a serem de alguma forma retornados, particularmente a Segunda fase.

Não há dúvida de que a presença da área da educação na CAPES, no CNPq e na FAPESP cresceu, mas a necessidade de pesquisas de maior âmbito geradas pela própria comunidade acadêmica - e não pensadas a partir do MEC, como os estudos que acompanham o SAEB - é urgente.

Pensar um modelo a partir do qual os pesquisadores em educação pudessem gerar conhecimento no âmbito mais amplo e participar da luta por este modelo, é uma das dimensões da responsabilidade social do pesquisador em educação.

Certamente, um dos caminhos para isto é a organização dos pesquisadores; e a ANPEd tem cumprido papel relevante neste sentido.

3) Conhecimento "por dentro" da relação da população com a educação, particularmente das camadas mais excluídas

Esta é uma das formas do pesquisador buscar superar as formas ideológicas que permeiam os estudos educacionais particularmente quando abordam a relação dos setores excluídos com a escola. A busca da convivência, do diálogo com as camadas populares em torno da questão educacional tem se revelado uma forma de superação de preconceitos e abertura de novas perspectivas.

Aqui, cabe mencionar estudos como o já citado "A produção do fracasso escolar" e a tese de doutoramento de Marília Spósito (1998), "A ilusão fecunda". A busca da perspectiva dos próprios setores populares deve ser uma preocupação do pesquisador.

O que não quer dizer que estudos sobre a educação das elites não possam ter relevância social. Mas é claro que a perspectiva dos setores mais excluídos é que mais contribui a abrir caminho para propostas de repensar mais radicalmente a educação. Ou seja, é uma prioridade (mas certamente não uma exclusividade) para a pesquisa educacional criar conhecimento sobre a perspectiva dos excluídos, especialmente numa sociedade como a brasileira, de caráter fortemente excludente.

#### 4) Disposição ao diálogo científico aberto

Este é um ponto que me parece bastante relevante em um meio como o da pesquisa educacional no Brasil, onde estão muito presentes os sectarismos. Tenho a impressão de que, hoje, as “igrejinhas” estão menos presentes do que há alguns anos atrás, mas abrir espaço para o diálogo não-sectário e estar disposto a ele é uma das dimensões de responsabilidade social do pesquisador em educação.

#### 5) Ligação com a rede de ensino fundamental e médio

Cabe aos pesquisadores em educação buscar estar em contato o mais estreito possível com aquilo que constitui parte essencial do seu trabalho: as escolas de ensino fundamental e médio. O ideal é que esta aproximação não seja apenas pessoal, mas institucional: que a universidade, ou instituto de pesquisa, no qual o pesquisador trabalha, esteja em contato constante, enriquecedor para ambas as partes, com um grupo de escolas públicas.

#### 6) Luta pela difusão adequada do que é produzido

Cabe aos pesquisadores incentivarem que o conhecimento produzido seja difundido da forma mais ampla possível. Além de todos os caminhos ligados à publicação, a busca da interação produtiva com os meios de comunicação é um dos elementos de responsabilidade social.

A participação em ONGs e formas de organização social de maneira geral também pode ser relevante neste sentido.

#### 7) Independência em relação ao poder

O pesquisador em educação pode buscar a participação em órgãos ligados à gestão educacional, mas se deseja que a sua contribuições seja aquela própria do intelectual, deve manter sua independência frente às pressões do poder.

#### 8) Preparação acadêmica adequada

Este é um tema algo próximo ao da “competência técnica”. Evidentemente, faz parte da responsabilidade social do pesquisador em educação buscar os instrumentos científicos mais adequados para desvendar os problemas com os quais se defronta. Mas deve fazer isto com toda a clareza de que é preciso questionar permanentemente os pressupostos dos instrumentos que está usando. Não há nenhuma “vacina” plenamente eficaz contra a presença dos preconceitos sociais no interior dos procedimentos científicos.

Mas a busca permanente do confronto de seus pontos de vista não só com outros pesquisadores acadêmicos, mas com os dos próprios grupos envolvidos na pesquisa, sobre os resultados dela, pode ajudar a minimizar estes preconceitos.

A preparação acadêmica adequada inclui também a crítica aos “modismos”, tão presentes na área da educação.

Inclui ainda um posicionamento crítico em relação a um problema importante da pesquisa educacional: Afinal, qual é o estatuto epistemológico da Pedagogia?

Sabe-se que ela procura ser, além de explicativa, normativa (José Gimeno Sacristán inclui ainda a “utopia”, além da explicação e da norma, como constitutiva das ciências da educação)

Durkheim, diante deste fato, excluiu-a do âmbito da ciência, definindo-a como “uma teoria prática”.

Que relação mantém a educação com as ciências como a Sociologia e a Psicologia? Sociologia da Educação é essencialmente sociologia, apenas aplicada a um objeto particular (como por exemplo ocorre na “sociologia do trabalho”) ou tem particularidades?

Parece-me esta uma questão a ser melhor discutida pelos pesquisadores em educação, não apenas para melhor fundamentar as pesquisas, mas para melhor se posicionar no mundo científico de forma geral, inclusive nos órgãos de fomento à pesquisa. Avançar na resposta a esta questão constitui também uma dimensão da adequada preparação acadêmica do pesquisador em educação, e, portanto, também de sua responsabilidade social

Ao levantar aspectos, temas e problemas tão díspares referentes à grande questão da responsabilidade social do pesquisado em educação, creio ter evidenciado que esta é uma questão complexa e multi-facetada.

Volto, no entanto, à pergunta: há algo que dê unidade a este leque de pontos? Já rejeitei, no início deste texto, o binômio “competência técnica mais compromisso político” como uma formulação capaz de responder adequadamente à questão.

Existe, então, algo que unifique estes pontos?

Creio, sim, que existe: é o apego à idéia de ampliação e radicalização da democracia no campo educacional.

É este o outro nome da "responsabilidade social do pesquisador em educação".

Alguém poderá dizer: mas isto não é compromisso político? Não, não é: é algo qualitativamente diferente.

O compromisso político, tal como tem sido entendido, diz respeito a um objetivo, o engajamento na obtenção de algo.

O apego à idéia de ampliação e radicalização da democracia no campo educacional é algo diferente, ou mais amplo.

Ou, por outro lado, é algo mais preciso. Tem a ver com o presente tanto quanto com o futuro, com a ética tanto quanto com a política.

Entendo que, mais do que uma frase síntese, o "apego à idéia de radicalização e ampliação da democracia no campo educacional" é um critério para se julgar a responsabilidade social do educador, e do pesquisador em educação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURKHEIM, E. *La educacion moral*. Buenos Aires: Schapire, 1972.

GOUVEIA, Aparecida J. A pesquisa educacional no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.1, p.75-79, dezembro 1976.

MELLO, Guiomar Namó de. *Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político*. São Paulo Cortez: 1983

PATTO, Maria Helena S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

SACRISTÁN, Juan Gemeno. *Explicação, norma e utopia nas ciências da educação*. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 44, p.31-34. Fev.1983.

SPÓSITO, Marília Pontes. *A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares*. 1988. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.